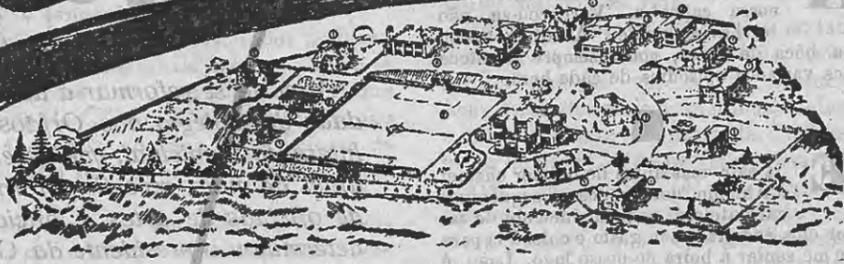




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

QUANDO se tomou conta do recinto onde estamos a erguer a nossa aldeia, escreveu-se a Alguem a pedir a construção de uma pousada, semelhante às que se teem feito nos cabeços e promontórios.

E no corpo da carta, dava-se o sentido social da nossa petição, a saber: O pessoal maior e menor da pousada, seria todo recrutado entre os habitantes da aldeia; cozinheiros, creados, chefes, porteiros, cicerones. Tôda a graça. Todo o interesse. Tôda a beleza. Tôda a aproximação íntima, racional, verdadeira e humana entre o desventurado que quer ser erguido e o venturoso que procura erguer. Contacto. Compreensão. Riqueza. Uma pousada assim, meu senhor. A carta ia cheia de decisão. As palavras eram catadupas,—e por lá ficou.

A nossa humilde petição tinha fundamento e não estou nada arrependido de ter batido àquela porta. Oxalá hoje o estejam de ma não terem aberto! Em primeiro lugar, seria uma fonte de receita e escola de trabalho. Se é verdade que já hoje, aos domingos, se deslocam do Pôrto centenas de amigos, obrigando-se a carrear seus merendeiros, quantos mais não viriam, sabendo que uma refeição quente os esperava? E se eles, estes nossos amigos, fazem as suas delícias em assistir ao nosso jantar, preparado e servido pelos Rapazes, que faria se eles o cemessem na pousada, preparado e servido por eles?

Isto seria receita; forma honesta de negociar, vivendo do nosso trabalho sem vergonhas do mundo. E seria escola. Faziam-se aqui cozinheiros, chefes e creados de mesa, tudo quanto se liga à importante industria hoteleira. Mais. Haveria o pessoal maior de contabilidade, de compras, de gerencia.

Sim; escola, receita. Mas isto seria o menos. Seriam medidas sómente de superficialidade. As de altura são as melhores e as mais difíceis de tirar. São elas que fornecem tôda a grandeza à obra. Das pousadas de cabeços e promontórios, vê-se para muito longe. Desta, ver-se-ia para muito fundo. Seria um turismo de aproximação.

Pois se hoje, os nossos amigos do Pôrto, morrem por ter à sua mesa o punhado de vendedores que vai à cidade vender o jornal de quinze em quinze dias. Se muitos cavalheiros, nos cafés, disputam entre si os momentos de os terem à sua beira a tomar leite e a comer bolos. Se tantos os figam com perguntas. Tantos os abraçam nas ruas. Tantos desejariam dar mais minutos às horas só para que eles, porque os levam marcados, podessem estar mais tempo. Se isto tudo é hoje um facto, o que não seria se tivesse-mos uma pousada na nossa «aldeia» onde os senhores bons, nossos amigos, tivessem oportunidade de dilatar seus corações, ver as alturas da Obra, dar os bons dias à Criança, fazer turismo de amor! Oh! terrível propaganda!

Nós jamais mandamos às cidades recados por ninguém. Vão os nossos. Repartições publicas, Casas de comércio, Bancos, Igrejas. Comboios, camionetes, eléctricos. A tôda a parte vai o mensageiro de um sangue renovado pelos processos divinos do primeiro mandamento. Os sábios não

TURISMO SOCIAL

compreendem assim. Multiplicam-se teorias e opiniões quando se chega ao capitulo da delinquencia infantil. Cada um diz de sua maneira e todos usam o mesmo método: Estudam, classificam e afastam. Assim se faz com os microbios!

Ora o nosso empenho está precisamente em apresentar à sociedade este mundo desconhecido —por muito estudado... Tirá-lo das retortas. Risca-lo das estatisticas. Livra-los do ferrêto. Como? Pela ciencia divina de amar o que não presta.

Estes pequeninos seres chegam às nossas casas, que também são laboratórios, com a sua opinião formada acerca do mundo de onde veem. Ali, o que importa é roubar, mentir, disfarçar, repolhar as nossas sementenças! Eles também marcam distancias. Eles trazem a sua giria, a nosso respeito. Eles retribuem! Deixa-los assim crescer, é fazer um inimigo certo de cada um deles.

Porém, depois que os mandamos em pequeninos grupos para o meio da sociedade, as coisas mudam de figura. O que eles nos dizem na volta das suas viagens, são revelações flagrantes da transformação que se vai operando lentamente em suas almas, pela tua acção.

Os senhores que nos visitam, aqueles mestros de quem ontem faziam chacota, ficam hoje espantados do aprumo, da obediencia, da lizura deles.

No rapido de Lisboa, um Senhor do Pôrto de grande categoria, declarou-me que todos os domingos espera no Imperial a chegada dos vendedores de «O Gaiato», só pelo prazer de os escutar. Uma Família do Pôrto, a quem dei há tempos um farfapão das ruas, não permitiu que ele viesse almoçar comigo à nossa casa, por ciumes!

Eles já são hoje a pequenina grei que escreve o seu nome no Céu e leva o mundo a fazer o mesmo. Eles, estrelas de primeira grandeza pelo brilho que lhes vem do sol da justiça. Hoje são amigos. Eles retribuem. As nossas sementenças!

Obra tua. Sementença que tens feito. Colheita para os teus filhos. De que semcarmos, disse mesmo colhemos.

Nós temos a mesma origem. Há entre nós um ponto certo de afinidade. A separação causa a morte. A Obra da Rua está no sangue dos portugueses. Dizer que ela é do Padre Américo, é heresia. Queremos uma pousada na Aldeia dos Rapazes. Queremos semiar. Queremos que o mundo colha.

Ninguem nos deve nada. Nós somos pobres de Cristo. Sabemos a quem servimos. Trabalhamos por devoção e esperamos a hora derradeira.

Nada do que fazemos se perde, quanto a nós, ainda mesmo que tudo se perca, quanto aos mais. Estes principios postos ao serviço da Humanidade, causam a mais santa e a mais feroz de tôdas as revoluções.

Mas uma vez que o ovo de Colombo tornou à face da terra, desejará que todos os portugueses idóneos abrissem seus olhos e vissem quam facil não é o resolver problemas intrincados, que são todos os sociais: — Diminuir o Mal com a força do Bem.

Uma vez que a nota de fundo é Turismo social, vamos a ele, meus senhores. Vamos combater com verdade, a verdade do Bêco, da Ilha, do Desamparo, da Degradação. E' por aqui que se começa. Para aqui, tôdas as forças. Enquanto houver casas sem lume e creanças a comer lixo: a gente não comia caldo! não nos podemos desvanecer. Ele dói tanto a alma quando leio nas gazetas o fervor dos capitalistas com agora, em Coimbra, 26 deles a levantar uma orgia no valor de doze mil contos: altares aos falsos deuses! A Obra não é falsa. O capital não é falso. Os homens não o são. Aonde o engano? Começar-se por onde se deve acabar.

«Diz (o pequenito) que é de Gondivai, que o pai morreu há 7 anos e que a mãe o deitou fora da porta juntamente com outros irmãos por não ter que lhes dar de comer. Fica por aí ao relento, umas vezes nos vãos das portas, outras numa guarita da linha ferrea». Cartas de todos, todos, todos os dias. Esta é datada de 12 de junho e assinada por Agostinho de Oliveira Félix.

Um daqueles 26 grandes, a quem um dia pedi para a Casa do Gaiato de Miranda (hoje à mingual) um donativo, deu-me vinte e cinco tostões em prata e uma lição de moral, da moral dêle. Sim. Todos temes obrigação de concorrer para os pobres. São homezinhos que não perdem a missinha do domingo — o seu maior pecado. Já estão julgados!

VISITANTES

Vamos abrir aqui uma nova secção, para interessar a multidão de curiosos que veem à nossa casa, trazidos pelo que ouvem dizer dela. Eu antes quizera que viessem guiados pela estrela dos Magos.

Um grupo do Pôrto, deixou cumprimentos e 50\$. Um grupo da mesma cidade, renovou assinaturas e deixou roupas preciosas. Novo grupo de intellectuais, quiz entregar mais roupas e 3 notas de 20\$.

Veio uma camionete em jornada de recreio e deu fundo à nossa porta. Eram professoras das escolas secundárias da capital do norte. Uma delas levanta a voz e diz: «Tome lá. Faça aqui um peditário», e deu-me uma saqueta preta. Palavras não eram ditas e já a saca andava de roda. Foi na avenida da «aldeia». O sol ardia àquela hora. Uma nota de 500\$, uma de 100\$, muitas de 20\$, alguma prata, um anel de ouro, algumas assinaturas e muitos parabens pela obra. Pois eu também os dou à senhora de vestido côr de rosa, que em tão boa hora soube usar da palavra—faça um peditário! Mais um grupo que de ixou 20\$00

Noticias Diversas

Nota da quinzena

LEITORES
DO JORNAL
GAIATO

A PARECEU uma galinha morta na nossa capoeira. Verificou-se não ter havido crime. A noticia andou na boca de todos, como sempre acontece nos variados episodios de cada hora.

E U ia sair, mas antes de o fazer chamei o António, um dos nossos pequeninos carpinteiros, a quem incumbi de fazer uma cadeira a seu gosto e colocá-la para eu me sentar à beira do nosso lago. Lago, é o nome que podemos hoje dar a uma represa que existia ao fim da mata, cheia de lodo e de abandonado e agora lageda e muito frequentada: — posso ir nadar?

No regresso, ouvi da boca do próprio, de que a cadeira estava no seu lugar. *E' feita de pau de australia*, informou o pequenino artista. Fui vêr. Lá estava o móvel, encostadinho a um platano, no meio das duas bicas. Paus entrelaçados, com forma, beleza, gosto. Onde a forma? Onde a beleza? Onde o gosto? No facto ter sido feita pelo pequenino artista. Daqui nasce todo o apreço em que tenho aquela peça. Não é na obra; é no obreiro. Quantos pais não guardam as primeiras cartas que seus filhos garatujaram, — as mais lindas que eles escreveram!

Acoimam-me pr'ái de poeta: — só sabe pintar lérias e pedir. Con-o se não tivessemos o direito de usar com liberdade os dons que Deus nos concede! Pois não é o próprio Jesus de Nazaré a mandar que cada um faça render os seus talentos? E se eu não tenho outros, como posso esconder este de ter poeta das almas e mendigo de Deus? Se com isso faço mal, que me digam onde está o erro. Se bem, porque me apedrejam?! A vida de cada mortal não consta em fazer coisas grandes, mas sim ser fiel nas pequenas. Posso ser épico a pintar lérias, se o faço por amor de Deus. Outros, terão o dom da eloquência. Outros, do saber. Outros, do presidir. A graça é uma só.

A TENÇÃO! Secou-se o leite da nossa porca. E' o Zé Maria de Cinfães que está de fábina aos leitões, aos quais dá de comer 4 vezes ao dia.

A TENÇÃO. Temos telefone instalado. Foi uma lança... em Portugal. Quantos não estão ainda à espera, com uma cara hem mais bonita do que a minha! E' o número 5 de Cete. Número cinco. Mais facilidades para me dizerem que mande eu buscar.

Meditação

Eu estava na sacristia do Mosteiro de Paço-de-Sousa, quando se abeira de mim um homem do povo, a perguntar quanto custa O Gaiato, ao que eu respondi ser mercadoria sem preço, sugeita à boa vontade dos assinantes. — Dez mil reis chega? — Até menos, se quizer. — Não; eu sempre quero dar dez mil reis para ajudar as obras. Nunca ouvi falar assim na terra, onde fui menino!

Ajudar! E' esta a palavra mais sublime do vocabulário cristão. Dentro dos muros da economia divina, ninguém é chamado a levar a cruz dos mais, sim, mas todos temos de ajudar cada um a levar a sua.

Simão de Cirene aliviou a do Senhor. Foi esta alição que o nosso Salvador quiz dar aos homens; permitiu que O ajudassem para nós ajudarmos os nossos irmãos.

Ai! quanto não gostei de ouvir a palavra do camponês — quero ajudar as obras!

Não disse quero fazê-las. Não poderia. Ninguém pode. As cruzes são intransmissíveis e esta é a minha cruz.

Quere ajudar. Quere aliviar. E' amigo.

Afim de se reformar a actividade do Colégio dos Orfãos e Internato Municipal, que devem, antes de mais, revestir a forma de oficinas de artes e officios, determinou o presidente da Câmara Municipal do Porto que os respectivos directores, de acordo com a 1.ª e 3.ª Direcções de Serviços, elaborem o projecto de aprendizagem de certos officios, como os de dactilógrafo, calceteiro, cimenteiro, jardineiro, pedreiro, trôlha, etc., de modo a constituir-se escola que possa fornecer à própria Câmara os seus operários, assim mais completa e disciplinadamente preparados.

Isto vinha nos jornais do dia. Será que vamos chegar finalmente à hora das reformas e passar o Reno em pacifica revolução, valorizando a roça sem forçar a natureza? Que todos os olhos se voltem para esta hora e bendigam todos quantos nela trabalham. Nós acreditamos no fruto que nasce e se forma no Matrimónio talhado no Céu. Uma arvore boa não pode dar frutos maus. Se nós temos na nossa terra, felizmente, muitos organismos destinados a receber e a educar em seu seio as creanças sem Lar, qualquer que seja a sua designação, essas obras sociais serão tanto mais eficazes quanto mais se aproximarem da familia, nos seus metodos de crear e de tratar as creanças.

Há-de casar-se a miséria com a misericórdia. Não-de ser familias. Os que lá moram não podem ter nunca nem outro nome que não seja o de filho. Numero? Ninguém gosta de ser chamado por um nome que não tem, quanto mais por um numero! Já o nome de *internado* ou de *asilado*, é coisa que deve vir a soar muito mal quando chegarmos a outra banda do Reno! Filhos. Herdeiros, isso sim.

Nas casas de familia todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes. Ajudam conforme as suas posses. Dá-se-lhes interesse. Cria-se-lhes amor. Os Pais, observam.

Noutro dia, foi um pequenino a Fátima, pedir o milagre da vista, que pouco antes perdera. Devia ter uns 10 anos. Alguem que estava ao pé, escutou a sua oração: *Mãe do Céu, eu quero ver para ajudar o meu Pai no trabalho dos campos, pois fico em casa e ainda é preciso ficar comigo um irmão com medo de eu ir pró lume!*

Ninguém sonha o interesse que tomam os pequeninos pelo trabalho da Casa, quando sabem e sentem que estão em sua casa! Ora aqueles que perderam os pais, não perderam de maneira nenhuma o gosto de serem filhos. Os que não teem lareira, não perderam o sabor dela. Os que são obrigados às sobras frias, tem o paladar da co-

mida quente. Deus não pode destruir a obra das Suas mãos. A creança é um homem a desabrochar.

De uma vez entrei num estabelecimento de educação de rapazes das ruas e não vi nenhum no seu pósto. Cozinha, refeitório, dormitórios, pátios, jardins, quintais tudo ocupado por estranhos! Obras feitas e sustentadas por amor dêles, com os lugares tomados por outros e a creanças sem acção, sem voz, sem interesse, sem alegria! Dá pena! Eu quizera ver casas de familia, com vida de familia.

Ainda que algum fuja, espera-se a volta. Nada há mais doloroso à creança do que temer o castigo ou a prisão, no regresso. Basta a dôr de quem sente a fuga, para fazer com que o filho volte.

Há dias fugiu-nos um rapaz. Em Guimarães, perguntaram-lhe se não conhecia a Casa do Gaiato. *e/g!*

— Não conheço.
— Também não conheces o P.º Americo?
— Não conheço.

Voltou esfarrapado e desengañado. E' filho. Era um dos do grupo que apanham pasto para as nossas vacas. Tomou conta do seu lugar. Negou a Casa? Negou o pai? Ninguém tão amigo como Jesus, e Pedro fez assim!

Não consta que o Mestre o increpasse, antes um olhar compreensivo e amoroso, levou-o ao arrependimento.

São assim os episodios na vida de familia. Não há números; há almas. Campos de concentração, mesmo sem aquêles horrores que temos ouvido, são lugares impróprios para formar homens de bem.

Direcções, Mesários, Mordomias, — todos devem fazer alto e olhar com sinceridade, porquanto as obras dos homens, assim como êles, não são perfeitas e podem, a tôda a hora, ser um nadinha aperfeiçoadas.

Eu não tenho culpa de haver recebido este dom. Não é meu Gostosamente o dou por norma aos de boa vontade que se propuzeram fazer homens úteis e felizes dos pequeninos que guardam sob as suas mordomias.

De uma vez, soube de um lugar pósto a concurso em uma Santa Casa da Misericórdia de certa cidade. Apresentei um candidato.

— Isso não serve. E' um vagabundo.

Sem familia nem amparo, saíra aos 14 anos da Misericórdia; daquela Santa Casa da Misericórdia que de santa só tem o nome. Andava ao deus-dará e ficou ao deus-dará. Quem tiver ouvidos de ouvir, que oiça.

Que se elaborem os projectos de ensinar nos colégios e internatos officiais, de modo a constituir-se escola que possa fornecer à própria Câmara os seus operários.

Senhor Doutor Luís de Pina, deixe ver a sua mão!

O Zé saltimbanco, vendeu 130 jornais e trouxe de acréscimos 42\$30. O Inácio, vendeu precisamente o mesmo numero, e trouxe metade de acréscimos. O Amadeu, leva agora a camisola amarela; vendeu 260 exemplares e entregou a mais 54\$40. O Oscar, vai logo atraz, com 250 numeros de venda e 33\$00 a mais. O Júlio, perdeu por muitos pontos a camisola amarela, que durante muito tempo segurou; vendeu apenas 100 jornais e trouxe 8\$60 de acréscimos! Não posso explicar uma baixa tão sensível O Rui promete; vendeu 90 jornais e deu 6\$40. O Rodrigo, foi um nadinha mais além com 120 jornais de venda e 34\$00 de esmolos. O Manuel, ficou em 44 numeros vendidos e 10\$30 que lhe confiaram, para o nosso pão. O António (o gato-bravo) menos eloquente, trouxe 7\$00 e vendeu 37 jornais. Estes dois rapazes, o Manuel e o António, são hoje felizes e trabalham em officinas de tipografia o primeiro, e de alfaiate o segundo. Eram engeitados, dos asilos, de onde saíram aos catorze anos, por causa da madrastra que lá mora — a letra do estatuto! Todos os olhos que sabem ver, devem fixar-se nesta anomalia e cortar com ela de uma vez para sempre. Esmolas, legados, subsídios, trabalhos, tudo perdido, enquanto o regulamento mandar para a rua aos tantos de idade, em vez de colocar na vida, o pupilo que um dia recebeu.

O António da Ferreirinha, vendeu 66 jornais e entregou 4\$50 de acréscimos. O Luciano, vendeu 50 e trouxe 15\$70.

E' doutrina nossa, confiar a venda do jornal e a guarda das esmolos que recebem, a estes rapazes que viveram fora de tôda a lei. Não se nos dá correr o risco de perder, só pelo desejo que temos de os levar pelo brio e convicção. Eles têm de aprender livremente a serem fieis nas coisas pequeninas para que amanhã, as grandes, os não venham a seduzir. Até o dia de hoje, somente um nos fugiu. Era de Lisboa. Nunca mais apareceu.

Nós gostamos de relatar tudo quanto acontece dentro das nossas casas, e daqui vem o não escondermos a noticia dos que nos fogem e a do seu regresso, quando êles regressam. A dôr que isso nos causa, não é coisa que se transmita! Quem sabe, até, se não será precisamente por via dessa dôr que a maior parte dos fugitivos procuram novamente a casa — quem sabe!

Os Leitores não devem levar à conta de insuficiência da obra, os episodios desta natureza. Para bem julgar é necessário conhecer. A índole do garoto da rua, é desconhecida da grande maioria dos portugueses. Eu, porque os conheço, só de uma coisa me espanto; é que tantos dêles se prendam à nossa maneira de viver!

O creado de mês

João Francisco, actual creado de mesa, andou ontem a servir todo o santo tempo com um gato aos ombros. Não foi repreendido na ocasião, para não perturbar o sono do bichano, que não tem culpa, já se vê, das diabruras dos rapazes. Mas se-lo-á pela sua irreverência.

CRÔNICA DA NOSSA ALDEIA

POR JOSÉ EDUARDO

Assinaturas pagas

Um retrato

CONTINUAMOS a visitar os nossos queridos pobres. O de São Lourenço já recebeu os talheres que uma senhora nós deu. O de Bairros continua na mesma e já nos aftou dois pares de tesoiras. Uma tinha o bico partido e ele pos-lha afiadinha como se nada lhe tivesse acontecido. A do Assento continua doente já está muito velhinha e arruinada. O que vale é que tem quasi todos os filhos empregados. Só tem dois com ela. O de São Lourenço pede-me sempre para eu ver se lhe arranjo a cama. Pedia outra vez ao Senhor que me ofereceu a cama para este pobre. A do Assento também me pediu para eu pedir a roupa para os filhos.

Temos mais um lago para tomarmos banhos. Fica situado na mata. Recebe água de duas bicas de outras tantas minas. A's terças e quartas tomam lá banho os cozinheiros e os refeiteiros no primeiro dia já citado, os roupeiros e os do campo no último dia. Ao sábado tomamos banhos todos. Este lago foi um invento do Snr. Madureira.

TODOS os dias à noite há um tribunal em que fazem parte, o juiz, os réus, os queixosos, as testemunhas, os ouvintes e o que castiga. O juiz é o Snr. Padre Américo, e quando ele não está é o Snr. P.e Fatela. Os réus são os que são acusados de bater um no outro, de ir à fruta, de calcar o jardim, de ir abrir o tanque ou de deitar lá para dentro alguma coisa e assim. Os queixosos são os que levam pancada dos que não estão encarregados disso. As testemunhas são os que assistem a estes estragos. Os ouvintes somos todos nós.

OS nossos batatais estão um encanto e dignos de admiração de todos os visitantes. Muitas pessoas veem de propósito ver os nossos lindos batatais.

OS rapazes da Casa do Povo da Sobreira convidaram-nos para um jogo para inaugurar o novo Campo de Futebol da Sobreira. O senhor Padre Américo aceitou o convite e nós também o aceitamos. Todos os que se portarem bem vão ver o desafio. Umas famílias da vila convidaram-nos para no fim do jogo irmos a casa deles. Temos confiança em ganhar. Todos os dias depois da ceia temos um treino. O jogo realizar-se-á no dia 24 de Junho, dia de São João.

São Pedro nas nossas Casas tem sido muito alegre, vamos a ver este ano. O senhor Padre Américo já comprou algum fogo: bichas de rabião, petardos, e outras coisas mas poucas. Não é muito mas chega como tem chegado.

Não temos nada a dizer dos "atrasados", que muito poucos o são, e mesmo esses, espera-se que a seu tempo respondam. Não temos nada a dizer. Mas precisamos de mais assinantes. Que os verdadeiros amigos da Casa do Gaiato nos escutem. Eu queria que nenhum dos nossos assinantes tivesse paz, enquanto não fizesse de um seu amigo, um novo assinante.

Se as juventudes têm sido objecto de tantas e tão desvairadas políticas, ajudai-me a combater o bom combate na defesa dos direitos da creança. Não se pretende de maneira nenhuma fazer delas degrau para subir, mas sim que se risque do mapa a distinção de "pobre e rico" na pessoa da Creança e que a todos porque o são, se dispense o mesmo carinho. Esta é a nossa doutrina. Os leitores de "O Gaiato" podem formar aqui a sua consciência sem temor de errar, porquanto ela, a doutrina, tem as raízes no Evangelho.

Ainda não chegamos à casa dos cinco mil. Portugal tem milhões. Há muita gente que ainda não deu fé da nossa desgraça; por muito ler os jornais, não sabem o que convém conhecer para o Bem da nossa Pátria.

Forma hoje o propósito e arranja um assinante. Imagina um celerado, que foi ontem uma criança perdida! Pensa na multidão ingente dos pequeninos farrapões sem terem por quem chamar! Olha os que ficam sem leite logo ao nascer! Os que conhecem a fome no ventre de suas mães! Considera este mundo de seres, que por terem a marca divina, causam a infelicidade daqueles e daquelas que parecem ter tudo! Medita e fazê que os outros meditem. Como? Lendo O Gaiato. E como o podem ler se o não conhecem? E como conhecê-lo, se o não assinam? Não durmas esta noite, sem dar sinal de presença!

Mais que responderam:

- José da Cunha Matos, Manteigas, 200\$; Irene da Silva Rodrigues, Viana do Castelo, 50\$; Maria Matias de Sá, Trofa, 20\$; Francisco Valente Ruela, Murtosa, 20\$; Conceição Morais, Chaves, 20\$; João Mendes Corveira, Seia, 20\$; Francisco da Costa Júnior, Seia, 20\$; João Cardoso Rodovalho, Angra, 25\$; Dr. Francisco Moniz de Oliveira, Angra, 40\$; Alferes José Nunes Ferreira, 40\$; Dr. Luis Abecassis, 25\$; Dr. Luis Correia de Sousa, 25\$; Dr. Campos Henriques, 25\$; Sargento Abel Rodrigues de Matos, 25\$; Furiel Albano Augusto Amaral, 25\$; Furiel Maueel Sacadura, 25\$; 1º Sargento Jaime Moreira, 24\$; todos da Ilha Terceira. António Nascimento (1944-45), 60\$; Artur Belezza Vasconcelos, 50\$; António de Gusmão Calheiros, 24\$; Carlos Mesquita, 30\$; José Maria da Silva, 30\$; Emilio de Aragão e Silva, 20\$; Gilda da Silveira, 20\$; Maria Virginia Correia da Costa, 50\$; Maria Amélia Gonçalves Vasconcelos, 50\$; Céu Frias de Abreu e Silva, 50\$; Adelino Sampaio, 30\$; Augusto Rocha, 30\$; Cândido Nicla, 30\$; Secundino Branco Júnior, 30\$; Maria da Glória Carregosa, 25\$; Maria Madalena Tôres, 20\$; P.º Martins Fernandes, 50\$; Maria Isabel da Silveira, 100\$; Helena Brito, 25\$; Joaquim Prudente, 30\$; Américo Joaquim de Queiroz, 20\$; Ramos & Campos, 100\$; Ramiro Leão, 100\$; Luis dos Santos Monteiro, 100\$; Maria da Glória Mota Alves, 5\$; José Eduardo Faria Neiva Santos, 20\$; Armindo Silva, 20\$; todos do Pôrto. Manuel Rodrigues Garcia Moreira, Paredes, 20\$; Maria da Conceição Coelho da Rocha (meio ano), Vandoma, 125\$; Carlos Manuel Correia de Mendonça, Santarém, 50\$; Colégio Pedro Nunes, 50\$; Dr. José Lopes do Espírito Santo, 30\$; Carolina Malva Matoso, 50\$; Fernando Laborinho, 100\$; Maria Luísa Gersão, 20\$; Fernando Maria, 60\$; todos de Coimbra. António Sardinha, Vila N. de Gaia 50\$; Criações do Preventório, Parêde, 20\$; Mário Tavares, Cardigos, 50\$; Júlio da Silva, Cardigos, 20\$; Artur Farinha da Silva, 50\$; Maria da Conceição Botelho, 50\$; Eng.º Carlos Machado Pereira, 1.000\$; Maria Margarida Léon da Silva, 30\$; Maria da Luz de Oliveira 20\$; Jaime Pedro Furiel Tôres, 20\$; Tenente Joaquim José Gomes Trindade, 30\$; Adelaide Loforte, 20\$; Major Aboim Saúde Lemos, 100\$; Fernanda Ponte (1 mês), 750\$; Sezinanda Coelho, (1 mês), 5\$; Maria Manuela Barros (1 mês), 5\$; Cássia Boto Correia, (1 mês), 5\$; Lucília Lamaix Lobato Inácio, (1 mês), 5\$; António Martins Azevedo, 100\$; P.º António Serrano, 40\$; todos de Lisboa. Dr. Joaquim Tavares de Matos, Ol. de Azemeis, 100\$; Dr. Ernesto Soares dos Reis, 50\$00; Dr. Abílio Campos de Melo, 50\$00; Dr. Tomás António Fernandes, 50\$; Graziela Barbosa de Almeida, 50\$; Maria Olívia Rodrigues Martins, 50\$; Olinda de Oliveira Marques, 50\$; Urbano Barreto, 30\$; Joaquim César Soares de Pinho, 30\$; Manuel de Pinho, 25\$; Alexandre, Ferreira da Costa, 25\$; Hermínio de Bastos, 25\$; Ana da Silva Azevedo, 25\$; Maria Manuela Carqueja Valente 20\$; Leopoldo Correia Barbosa, 20\$; Nilo Lopes 20\$; Rosa da Costa, 25\$; todos de Oliveira de Azemeis.—Manuel de Bastos, 25\$; Antero Henriques Martins, 25\$; António Henriques Martins, 25\$; todos de Pinheiro da Bemposta. — Maria de Lourdes Saldanha Leitão, Estoril, 100\$; Maria de Sommer de Andrade, Monte Estoril, 100\$; Adelaide Dias Fontes, (1945-46) Alcanena, 50\$; José da Costa, 25\$; José António Ferreira Rosado, 25\$; João Carlos Júnior, (1944-45) 40\$; todos de Tôres Vedras. — Dr. Emílio Nenezes, Viana do Castelo, 20\$; Artur Manuel Proença de Carvalho, Soalheira, 50\$; Dr. Armando Simões Pereira, Golegã 50\$; Henrique da Graça Oliveira M. B. Gomes, Foz do Douro, 100\$; Pedro Seixas, Foz do Douro, 50\$; Maria Augusta Gomes Pereira Leitão, Muro, 50\$; Carolina Rodrigues da Silva, Galegos, 20\$; Alfredo Freire Garcia Lóbo, Gramagos, 200\$; Antenor Mesquita, Famalicão, 20\$; Jaime de Castro Pinto Bravo, S. Tiago de Piães, 25\$; Armando dos Santos Ala Rezende, 50\$; Benjamin Soares de Freitas, 24\$; P.º José Maria Domingues, 30\$; todos de A'gueda. — Abel Marques da Silva Valente, Cucujães, 25\$; Alfredo Marques da Silva Valente, Cucujães, 25\$; Maria das Dores Vasques Perez, Barrancos, 25\$; Manuel Cláudio Pulido, Barrancos, 20\$; Maria Violante de Queirós e Melo, Sernache do Bonjardim, 50\$; Maria Luísa Saldanha, Gumie, 20\$; Manuel Marques, 30\$; Joaquim Alves, 30\$; Augusto Saraiva, 30\$; Armadino Viegas Santos, 30\$; Etevlino Dias Franja, 30\$; todos de Mação. — Armandino José Soeiro, Aveiro, 5\$; Maria Amélia Vidal, Sertã, 30\$; José Tavares, Sertã, 20\$; Maria Isabel de Carvalho Moreira, Castelo de Paiva, 20\$; Dr. Adriano Moreira, Castelo de Paiva, (1944-45) 40\$; Inês Rocha e Melo, Praia da Granja, 25\$; Adolfo Bártolo, Mogadouro, 50\$; Eng.º Manuel Andrade de Sousa, Pedrido, 50\$; Maria da Conceição Figueiredo Rocha, (1944-46) Messines, 100\$; Professor Mário Augusto Pereira, Sinfães, 20\$; Maria Júlia Mendes de Carvalho Vasconcelos, Sinfães, 25\$; Maria Ramos Moreira Amorim, róvoa de Varzim, 25\$; P.º Joaquim Guerreiro Barbas, Safara, 20\$; Casa da Divina Providência, Safara, 20\$; Alice Camacho Pereira, Leça da Palmeira, 20\$; José Esteves Galego, (1945-46) Matozinhos, 50\$; Padre António de Sousa, Quiaios, 20\$; João Maria Azevedo Lima, Esposende, 25\$; Eduardo Montez, Caldas da Rainha, 25\$; Adelaide Camacho Pereira, Elvas, 20\$; Cónego Francisco Alexandrino de Miranda, Sarzedas, 20\$; Albano Marques Nunes, Paúl, 20\$; Menino Manuel Joaquim, S. João da Madeira, 20\$; Escola do Magistério Primário, 50\$; Dr. António Leitão de Figueiredo, 20\$; Cristina Reis, 50\$; todos de Braga.—Antonio Morais C. Matos, S. Gabriel, 50\$; João Matos, S. Gabriel, 50\$; Maria Augusta Cunha Leão, Sobreira, 40\$; Raúl Cardoso Ferreira, Aldoar, 25\$; menina Olga Maria Serra Cruz Alverca do Ribatejo, 20\$; José Ferreira Pinto 25\$.

Carlos Inácio foi vender «O Gaiato» e uma pessoa ofereceu-lhe uma cesta de voíça para nós e outra ofereceu-lhe uma bola.

Dois cozinheiros tem um quintal e um lindo jardim que o Snr. Padre Américo lhes deu tem muito gosto nestes bocado-dinhos de terra e tratam-nos com carinho. Mario pediu-me para eu pôr no jornal que ele fazia anos no dia 9 de Julho.

Assomei agora mesmo à janela do quarto onde durmo, que diz para o seio da nossa formosa quinta. São 9 horas da manhã. Muitos passarinhos, muito sol, muita vida.

Doze dos nossos pequeninos andam a ceifar o feno no Lameirão, terra funda, que se vai lavrar amanhã: Dois deles, dos mais pequeninos, vigiam o nosso rebanho composto de doze cabegas lanagerés, que porfiamos em não abater nem vender, só pelo gosto de termos boa companhia. Ainda no mesmo campo, que pelo seu tamanho lhe deram os antigos o aumentativo ão, outros pastores guardam as nossas vacas leiteiras mai-los pacificos bois. Tão fortes, tão bem armados, e tão amigos da fraqueza dos que vivem em seu redor! De tudo se serve o nosso Bom Deus, para dar lições aos homens e eles de tudo se servem, para as não tomar!

Lá em cima, no sopé da mata, andam dois a regar um campo de batatas, com água do nosso lago. Andava ali perdida, numa represa de entulho. Mas nós fomos e ladrilhamos com granito e cimento. Ontem, chapinaram ali à hora do banho uns 70 rapazes e hoje regam-se as batatas.

Nos terrenos da nossa Aldeia, andam cinco rapazes ocupados na mesma faina. A água, andava perdidíssima e foi-se buscar em canos de luzalite, e agora dá batatas à gente!

Na vessada de cima, novo grupo de rapazes réga batatas, de uma prêsã muito forte que ali temos. Mais batatas?! Sim senhor, mais batatas. O linho, que foi regado ontem, fica para um novo retrato, quando fôr o dia da arriga.

Os jardineiros, tiram água dos tanques de ao pé da porta e regam as flores. Flores nestas casas! Flores cuidadas e dispostas por estas flores! Quem pode avaliar da enorme força educativa de uma flôr?! Porque não havemos de dar à creança a oportunidade da auto-educação com elementos caseiros que são os mais construtivos!?

Aqui mais perto, levanta-se tremenda discussão entre os dois das capoeiras. E' que o João Maria da Murtosa é o superintendente geral e o João Francisco de Lisboa, tem a secção das galinhas chocadeiras. Ambos são extremamente zelosos das suas atribuições. Ora o João Francisco, enfiou na capoeira geral uma galinha com doze pintainhos. O João Maria reffilou: Que não. Que vá ganhar a vida. O outro contesta: Não pode ir prós campos. O Rio Tinto já me bateu por ela andar nas nabças! E daqui nasce a impossibilidade de produzir uma fotografia nitida, como era meu desejo, porque os garotos não estão quietos!

Mais um que chegou

CHEGOU há dias à casa do Pôrto um garoto, para ficar. Notei, à mesa, que o rapaz tinha face de chinês, mas não disse nada. Não posso dizer nada, em assuntos desta natureza. Pois muito bem. Ao levantar da mesa pergunta-me o Júlio: Quando é que o Xancaxé vai para Paço de Sousa?! O Xancaxé é hoje nosso. Sente-se feliz. Tem, actualmente a missão de enxotar os pardais do nosso trigo, o que faz com um grande chocalho, primorosamente.

"O GAIATO", foi visado pela Comissão de Censura

NOTÍCIAS DA CASA DE

CARTA DE LISBOA

MIRANDA

por João Carlos

QUANDO estamos à mesa é um dos maiores que toma conta de nós com uma cana na mão. Há dias o Cegonha era a tomar conta e nós fizemos tal barulho que ele foi dizer à Senhora: O minha Senhora eu não dou vencimento. Doutra vez o Figueira fez qualquer coisa na mesa. A Senhora perguntou-lhe o que era que ele tinha feito. O Figueira lá respondeu e vai logo assim o Cegonha: minha Senhora posso-lhe bater que ele está a mentir? E todos nós rimos pelo gesto que ele fez quando disse aquilo à Senhora.

NAS camaratas também é um que toma conta. Há dias estava tudo a fazer barulho na camarata do Vieira e o Figueira sai de lá com esta: ai que gaiatos estes; são mesmo levados da breca.

O nosso carneiro no dia de Santo António fartou-se de correr atrás da gente. Foi o Sérgio que se pôs na escada da escola e o agarrou e meteu-o no curral. Quando ia a fechar a porta o carneiro deu tal marrada nela que a ia arrebrandando. Mais tarde os rapazes lá de fora abriram-lhe a porta outra vez por brincadeira mas tiveram-se de meter na taberna quando não apanhavam tal marrada que ia pelo ar. Nós fugimos para cima das oliveiras foi o Sérgio que o apanhou outra vez e o prendeu no curral.

Bucha e o Barrigana são os que guardam as ovelhas. No outro dia o Bucha de Val Macieira andava com elas no rio e apanhou lá um coelho. Correu logo cá a mostrar o coelho. Claro que as ovelhas nesse dia não comeram quase nada. O Bucha foi logo perguntar ao Sr. P.º Adriano se o coelho ia para o jornal e ele ficou todo contente quando ele disse que sim.

Pedro, a quem nós chamamos rádio, é que tem ido a Louzã fazer as compras. Tem tanta habilidade para pedir que quase nunca vai a pé. Se apanha uma camionete ou uma bicicleta pede, e lá vai ele. Vai sempre de manhã mais outro para trazer uma cestada de couves. Quando cá chegou o Sr. P.º Adriano perguntou-lhe pela conta e ele disse que a trazia toda acentada. "4\$50 de laranjas 20\$00 demonstradas de côves. 13\$00 de um cibo de serajas". Não admira ele escrever assim porque anda na 1.ª classe.

Manelzito tem cinco anos e é o mais velho de todos os miuditos. Esteve toda a vida fechado num quarto e por isso nunca aprendeu a falar só agora é que diz algumas palavras. Gosta muito do Zé Maria e do João. Às vezes quando chora o Zé Maria chama-lhe cara de velha e ele fica todo arreliado e começa-lhe a hater.

O mais gordo que nós cá temos é o Tónio e por isso chamam-lhe o Sancho Pança. Anda sempre a comer. Já foi às uvas verdes e aos pêssegos. No outro dia o Tónio acordou à meia-noite e chamou pelo Rui: — O Rui a gente não vai merendar? Vieram agora cá os guardas cortar as videiras e nós dissemos-lhe que o vinham buscar por causa dele ter ido às uvas. Ele escondeu-se logo atrás da porta para o não verem. Fomos lá buscá-lo e ele começou a gritar: ai que eu morro! ai que eu não torno a ver a minha mãe! (chama mãe à Senhora). Eu não torno! eu não torno às uvas!

NO domingo passado os habitantes do lugar fizeram uma festa a Santo António, que correu muito alegre. Tivemos às onze e meia missa cantada que saiu muito bem. Ao almoço tivemos vinho distribuído pelo Sérgio. Depois juntaram-se as ofertas a Santo António, que foram muitas.

Mais à tarde foi o leilão que rendeu

420\$00. Depois o Ti Zé Maria, o Ti João Tireso e o Ti Silvestre, vieram apresentar contas. Ainda se sentaram à mesa a comer da nossa sopa, mas desistiram. Alguns gaiatos fartaram-se de correr atrás dos foguetes.

AS vezes nós andamos a jogar a bola no recreio. Pois hoje andava o Zé Maria, o Lisboa, o Adriano e o Tónio contra o Sérgio, o Chico, o Bernardino e o João. Do grupo do Bernardino era o Sérgio o guarda-rêdes e do lado do Lisboa era o Zé Maria. Ambos defendiam bem mas o Zé Maria vinha quase ao meio do campo socar a bola. Outras vezes apanhava e começava a fazer caretas. E ainda outras vezes atirava-se às cabeças dos que andavam a jogar e quando as não apanhava deitava-se aos pés. Fez cair o Bernardino de peito no chão. Ambos os guarda-rêdes deixaram entrar duas bolas apesar das suas habilidades. O que nos falta é um campo grande para o jogo da bola.

Pão dos Pobres

É um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nele se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro. Onde-se nas livrarias do País.

Do que nós necessitamos

Para já, com urgência, a muito suspirada máquina de costura. A oportunidade leva a oferta a grandes alturas. Mais nas ruas do Porto, em um destes dias de muito sol, uma grande chuva de notas de 100\$00 de 50\$00 e de 20\$00. São senhores que veem atrás de mim, a perguntar se eu sou o tal, e à resposta de que sou, sim senhor, apresentam a sua oferta. A mercadoria é tão boa que dispensa o pregão! Quem há praí a dizer que nós não somos irmãos! Mais um par de brincos de ouro:—O seu único valor, foi tirá-los das orelhas da minha querida Mãe morta.

Oh! calice precioso da capela da nossa Aldeia, que bem podias servir os altares das catacumbas, sobre os ossos dos primeiros mártires que morreram na Cruz de Cristo!

Quem me dera que venham à tala e à razão, aqueles homens bons que tanto me teem censurado por eu pedir ouro para um calice:—padre, não se desqua-

lifique! Eles capazes de voar tão alto e até mais, do que estas almas que o teem oferecido!

Mais, no Depósito, um pacote de sabonetes e piugas e um dito de livros e um dito de coisas para o Fernandito e 50\$00. Mais 20\$00 idem. Mais 100\$00 idem, de um estudante. Mais 20\$00 idem idem. Já em Coimbra era assim. No tempo dos exames eu fazia mais figura! Mais, na Casa do Porto, estas pequeninas coisas para ajuda do calice.

Mais, do Porto, toalhas e lenços e guardanapos. Mais de Braga roupas de cama. Mais 20\$00: *É do primeiro dinheiro que eu ganhei.* Estas dadas são terríveis. Levantam-se, erguem a voz, denunciam a indiferença, proclamam o Amor.

A Maria Piedade de quem se recebeu o ouro, se diz que sim senhor; veio a tempo. Mais so diz que das *Três Marias*, por enquanto, nada. Mais 20\$ para ajuda do calice.

Madrinhas dos Ardinas

Temos-te falado muito do ardina, de sua «Casa» e tão pouco do grande trabalho das «Madrinhas dos Ardinas», aquelas Noélistas que nos ajudam a penetrar o meio familiar do ardina, visitando-o frequentemente, amparando e elevando uns e outros. É que o trabalho delas é tão escondido, tão humilde, que é mais sentido do que observado, mesmo por nós, quanto mais pelo público.

E são tantos os casos de verdadeiro heroísmo no trabalho das «Madrinhas» dos ardinas! São elas os alicerces da Obra toda, estamos certos.

Assim, há dias, chegaram-nos alguns ecos do trabalho de duas delas, que nos encheram de consolações:

Numa família de ardina, onde hoje, espontaneamente, se reza o terço diariamente, faleceu o filho mais velho—irmão de dois ardinas da «Casa».

A doença—uma terrível tuberculose—foi acompanhada e amparada pelas «Madrinhas».

A morte foi serena, de quem sabe o que é a Vida, a verdadeira Vida.

Pediu para ver as «meninas» antes de morrer. Como não estavam em Lisboa, só no dia seguinte lá puderam ir. Assistiram ao enterro.

Confortaram uns e outros, e à volta, veem dar-nos como que «contas» do seu trabalho:

«Sabes, Maria Luísa, tivemos de lhes fazer o jantar e obrigá-los a alimentar-se, pois estavam sem comer desde ontem, imagina. E a sr.ª Rosa, coitadinha, abraçou-se a nós a chorar, dizendo-nos que *somos como que as mães dela!*...»

E a alguém que se espantou de ver aquelas mãos encardidas, elas diziam com toda a simplicidade: «Foi de descascar as batatas. Isto passa».

Não fazemos comentários. Não estamos à altura. Nada mais sabemos, nem podemos dizer senão—que muitas graças temos a dar ao Senhor por tudo, tudo!... As generosidades materiais que dia e dia nos vêem parar às mãos, correspondem, a estas generosidades espirituais, de alma, de vida na «Obra do Ardina»!

É este trabalho humilde, apagado, escondido, o que mais conta para a «Obra do Ardina».

Bem hajam «Madrinhas dos Ardinas», por tudo, tudo!

MARIA LUÍSA.

O "Gaiato", semanal?

Quê? O Gaiato, semanal? Quem poderia?

Eu sou interrompido nos trabalhos a cada hora e momento, aqui no meu gabinete. Tudo cá vem dar. São as perguntas. São as questões. São os pedidos. São as novidades. Tudo quanto é pequeno e tem graça como eles; os borrachos, os gatinhos, uma cadelita que eles acharam, coelhos maus das cortes e bravos da mata, passarinhos.

Agora mesmo entrou o João Maria, actual chefe das capoeiras, com uma cesta de ovos, a contar como dera com o ninheiro e a dizer o nome da galinha que os pôz.

A uns, damos um cigarro... de chocolate. A outros um beijo. A todos, a nossa vida!

ANO...
Redacção...
Impéri...
O...
anos...
de A...
então...
Co...
cial...
na fe...
gava...
cond...
sião...
colm...
digo...
seria...
ali o...
para...
rial...
Pe...
zes...
rigas...
nos...
com...
fican...
toda...
O...
marc...
aldei...
a ord...
O...
H...
com...
lund...
Di...
gem...
E q...
senhor...
progr...
pupilo...
ir cas...
obra i...
assun...
casam...
de toa...
tância...
pensar...
uma v...
enorm...
Funel...
debru...
vêr...
eram...
Que...
Para...
fazer...
Assim...
que a...
da no